

Cassiano Reimão

CONSCIÊNCIA, DIALÉCTICA E ÉTICA EM J.- P. SARTRE

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

*À Cecília, à Sofia e à Maria,
referências primeiras de uma existência
como liberdade e responsabilidade.*

«En dévoilant je crée ce qui est; en donnant la vérité, je te donne ce qui t'est déjà offert. Mais en outre je le donne à ta pure liberté puisqu'il faut que tu recrées ce qui est à ton tour [...]».

J.-P. SARTRE, *Vérité et existence*,
Gallimard, Paris, 1989, p. 62.

NOTA PRÉVIA

O presente estudo, centrado no pensamento de J.-P. Sartre, contém o essencial de uma dissertação de doutoramento em Filosofia, defendida em 10 de Julho de 1990, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e que, agora, é dado à estampa, acompanhando a celebração do centenário do nascimento daquele vulto da cultura contemporânea. Mantendo o texto inicial quase na íntegra, foi considerado oportuno actualizar, nesta publicação, as referências bibliográficas relativas à temática em análise.

Expressamos o nosso grato reconhecimento a todos aqueles que, directa ou indirectamente, tornaram possível esta realização, em particular à Professora Doutora Maria Isabel Carmelo Rosa Renaud e ao Professor Doutor Michel Renaud pela inestimável orientação, incansável apoio e permanente estímulo dispensados à concretização deste trabalho.

O nosso agradecimento dirige-se, também, à Comissão Científica de Filosofia e ao Conselho Científico da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa pelos incentivos concedidos, à Faculdade de Filosofia de Braga da Universidade Católica Portuguesa pelas facilidades de consulta da sua biblioteca, ao Institut Franco-Portugais de Lisboa pelo auxílio bibliográfico prestado e, em particular, à Imprensa Nacional-Casa da Moeda e ao Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira da Universidade Católica Portuguesa que tornaram possível esta publicação.

CASSIANO REIMÃO

PREFÁCIO

Em 1980 calou-se a voz de Jean-Paul Sartre; a meia cegueira que o atingiu em 1973 já tinha reduzido bastante a sua actividade filosófica e literária, mas não tinha diminuído a sua capacidade dialogal, tal como mostra A Esperança Agora, última obra resultando de um diálogo com o seu secretário. Mas a morte não pôe fim à obra de um filósofo; modifica somente a relação que podemos ter com ela. Inaugura-se então o tempo da interpretação e do balanço, que só tem textos como correspondentes e testemunhos como garantias.

Com uma personalidade tão rica, complexa e contraditória como a de Sartre, o balanço não é fácil! Sartre pertence a uma geração excepcional, na qual encontramos Raymond Aron (1905), Emmanuel Lévinas (1906), Maurice Merleau-Ponty (1908), e que poucos anos depois será seguida por Paul Ricoeur (1913). Mas o estilo de compromisso que manteve principalmente com os acontecimentos do pós-guerra fizeram de Sartre um personagem conflitual, venerado por alguns, rejeitado por outros, mas por todos considerado como personalidade intelectual incontornável. A filosofia francesa contemporânea não pode passar ao lado das suas análises, tal como não se pode esquecer a estreita ligação entre as suas ideias e as suas tomadas de posição sócio-políticas sobre o marxismo, a revolução, os conflitos de libertação nacional, as alienações sociais.

Portugal não dispunha ainda de uma obra de reflexão que tentasse voltar à raiz das teses filosóficas de Jean-Paul Sartre e abordá-las conjuntamente com a proximidade e a distância necessárias para uma interpretação competente. O livro de Cassiano Reimão vem colmatar esta lacuna e proporcionar aos leitores lusófonos um contributo excelente para penetrar nos meandros do pensamento de Sartre. As tensões entre a consciência e o ser, entre a fenomenologia e a ontologia, por um lado, entre a liberdade e a alienação, entre a dialéctica e a história, por outro, entre o compromisso e a revolução, entre o agir moral e a política, finalmente, estão apresentados

por Cassiano Reimão de modo claro, pertinente e crítico. Este é um livro de filosofia, não sendo, por conseguinte, a obra literária de Sartre a chave de entrada no mundo das suas ideias.

É por isso que o livro se instala imediatamente na grande obra mais conhecida de Sartre, *O Ser e o Nada*. Pode-se, sem grande probabilidade de erro, afirmar que os conceitos de nada e de negatividade (e de «neantização», «nadificação») constam entre os termos mais complexos da filosofia. Os leitores de Hegel podem considerar que, quando fala do nada, Sartre é um mau «hegeliano», ao utilizar o nada na perspectiva da mera consciência fenomenológica, mas, em vez de avaliar Sartre pelo critério da sua fidelidade a Hegel, ou ulteriormente a Husserl e Heidegger, somos convidados por Cassiano Reimão a seguir o itinerário de pensamento que levou Sartre a pensar a tentativa de conciliação impossível entre o em-si e o para-si da consciência. Um passo importante na análise da consciência é, tal como se verifica em todos os fenomenólogos, a compreensão do outro, da alteridade da outra consciência. É aqui que se apresenta a famosa descrição do olhar: segundo o nosso intérprete, «há a distinguir um outro-objecto, que vê aquilo que eu vejo, e um outro-sujeito, com o qual mantenho uma relação fundamental: a possibilidade de ser visto por ele: isto é, tenho a possibilidade de me converter, para ele, em outro-objecto. É esta situação que se expressa através do conceito ser-visto-por-outro, que não pode deduzir-se nem da essência do outro-objecto, nem do meu ser-sujeito: «'O ser-visto-por-outrem é a verdade do ver outrem'». Reciprocidade fenomenológica mais profunda que o aforismo literário ao qual Sartre foi muitas vezes indevidamente reduzido: «o inferno são os outros». A questão subjacente é a compreensão da consciência na sua liberdade: em que medida os outros constituem um obstáculo ou uma promoção da minha liberdade?

Esta questão está no centro da Dialéctica, como refere a segunda parte do livro de Cassiano Reimão. É desta vez a Crítica da Razão Dialéctica que será submetida a exame. Obra também complexa, cuja abstracção desanimou tantos leitores potenciais! Mas é o destino da liberdade na história que se trata de prosseguir. As vicissitudes de Sartre com o marxismo são notórias, começando pela sua polémica com o Partido Comunista francês na revista, por ele fundada, *Les Temps Modernes*, continuando com a sua adesão mais explícita em 1952 ao Partido Comunista, até à repressão da insurreição húngara de 1956; propõe, então, dentro do comunismo, uma crítica do marxismo dogmático; contudo, em seguida e tal como Garaudy, rompe definitivamente com os comunistas em 1968, na altura da invasão de Praga. Não são estas observações cronológicas que fazem compreender o movimento dos conceitos da Crítica da Razão Dialéctica (que data dos

anos 1958-1960), mas elas permitem projectar os seus conceitos no pano de fundo dos exemplos históricos fornecidos por Sartre. Aliás, o que Cassiano Reimão procura fazer permanece no plano da compreensão filosófica: trata-se de delinear o sentido das expressões que se encontram quase apenas em Sartre: a liberdade face ao prático-inerte, a dialéctica entre a razão constituinte e a razão constituída, a função do grupo e da série. Segundo Cassiano Reimão, «o projecto de Sartre, inserto na Crítica da Razão Dialéctica, é um projecto de índole kantiana; mas a sua originalidade reside no facto de se situar no interior do marxismo; a convergência destas duas vertentes tornam a obra genial». Continua Cassiano Reimão: «A dialéctica é a lei universal do movimento do real; é 'actividade totalizadora', desde as totalidades parciais até à última totalização da História: 'A dialéctica é a acção do todo sobre as partes e do futuro sobre o presente'. Constitui-se e descobre-se no interior das condições materiais; é materialista: o pensamento tem de descobrir a sua própria necessidade no seu objecto material. A dialéctica é a racionalidade da práxis e esta supõe 'um agente material (o indivíduo orgânico) e a organização material de um empreendimento sobre a matéria pela matéria'. A dialéctica 'nasce no interior da própria experiência; provém dos indivíduos e das totalizações concretas'». Será esta problemática inexoravelmente datada? Na sua referência à história do marxismo, talvez; mas as realidades que tais conceitos procuram enunciar permanecem plenamente actuais. Não é por isso que temos de fazer nossas as opções de Sartre; tal não é, também, a intenção de Cassiano Reimão. Mas antes de circunscrever a linha onde se situam os pontos de desacordo é preciso acompanhar o pensamento de Sartre tão longe quanto possível. Ora, falta ainda uma peça fundamental neste acompanhamento: voltar da dialéctica histórica à ética.

A terceira parte do livro instala-se no agir moral, em Sartre. Uma precisão cronológica mostra o interesse da questão: os Cahiers pour une morale, embora publicados em 1983, datam de 1947 e 1948, ao passo que os últimos três escritos teóricos sobre a moral datam de 1964 e 1965. Noutros termos, os Cahiers precedem a Critique de la Raison Dialectique, mas ainda não tinham sido analisados por comentadores antes da publicação desta última obra (pelo menos do primeiro livro desta Critique); por outro lado, os três últimos escritos sobre a moral, de conhecimento parcial e tardio, são ulteriores à redacção da mesma Critique. Deste modo, não é fácil acompanhar o pensamento de um autor no meio de tantas obras tardiamente publicadas, ou ainda não publicadas, no meio de tantas polémicas intelectuais e, também, de mudanças de posição, mas que, ao aderir «a uma atitude de compreensão social da subjectividade» e ao «abrir-se à esperança e ao sentido», impõe a necessidade de «uma 're-visão' e até de uma

profunda reinterpretação» do seu projecto e do seu percurso filosófico. Estas dificuldades conferem mais interesse, ainda, à análise de Cassiano Reimão. Mas o que nos parece mais sugestivo ainda é a conclusão final, na qual se manifesta a sua posição crítica para com Sartre; é por isso que lhe damos a última palavra, fazendo assim coincidir o fim deste prefácio com a conclusão deste livro, estimulando, deste modo, o nosso desejo de acompanhar não só Sartre, mas Cassiano Reimão na totalidade do seu percurso. «A questão que aqui se coloca é a de saber se, no plano propriamente fenomenológico, é possível tirar legitimamente conclusões de alcance ontológico; penso que a principal fraqueza da doutrina sartriana se situa neste ponto, ao ter confundido as duas dimensões: o que é próprio da experiência existencial Sartre afirma-o do ser; o que não encontra aí nega-o categoricamente no plano mais amplo da Ontologia».

Não há dúvida; faltava em português uma obra de importância sobre o pensamento filosófico de Sartre. O trabalho de Cassiano Reimão vem, felizmente, remediar esta lacuna.

Lisboa, Fevereiro de 2005.

MICHEL RENAUD

INTRODUÇÃO

I

O pensamento de Sartre impõe-se como um sistema autónomo e totalizador do mundo e da realidade humana, não deixando ninguém indiferente. Pensar a obra de Sartre é, antes de mais, reflectir sobre a crise contemporânea herdada do século XIX. Antes dessa viragem, o homem encontrava-se sustentado por uma rede de certezas polarizadas na ciência, de onde irradiava um universalizado optimismo. O que se seguiu foi um violento traumatismo como jamais a História conheceu. A mudança não se restringiu ao domínio das ideias, mas atingiu todo o viver do homem. Sartre, na derrocada dos valores tradicionais que se desmoronaram no cataclismo da mudança, ergue o valor do próprio homem, através do qual precisamente há valores; ao primado do indivíduo opõe, por alargamento, o primado do homem: o que importa não é o que, em nós, nos separa, mas aquilo que nos une. Sartre sempre estabeleceu o projecto de uma antropologia procurando apreender as estruturas concretas do existente e a sua deiscência originária. Devido à nossa «condição humana» temos de superar as leis da natureza ou, pelo menos, de assumi-las responsabilmente. Se Sartre não foi a consciência moral do homem contemporâneo, foi pelo menos uma das consciências possíveis, alguém que reagiu sempre a todas as grandes questões da nossa época, alguém que esteve sempre atento, com lucidez e paixão, a tudo quanto dizia respeito à existência humana como quem não acreditava que o homem fosse uma «paixão inútil», embora concebendo-o como totalidade sempre em vias de destotalização; foi a incarnação mais estimulante das contradições, das ansiedades, mas também das procuras generosas que atravessaram e atravessam o nosso tempo: enquanto, à sua volta,

tudo parecia ruir, Sartre, longe de se submeter ao desespero, enfrentou lucidamente as exigências da construção de um humanismo autêntico; ostenta, por isso, a estatura e a verticalidade dos grandes (re)formadores do pensamento. Sartre estabelece uma reflexão profunda em torno do homem; o desconcertante da sua doutrina evidencia (não fora essa a missão da Filosofia) a existência de múltiplos caminhos para a Verdade, enquanto esta é uma «totalização que incessantemente se totaliza», enquanto é «dom que nos remete ao infinito» e, simultaneamente, «um absoluto e um indeterminado».

Como o herói de *Les Mains Sales*, e num plano mais vasto que o da política ou da ideologia, Sartre foi, e continuará a ser, irrecusável. Os seus próprios enganos não foram inúteis; paradoxalmente, a sua convicção do carácter absurdo da existência, porque fechada ao Transcendente, cede lugar à convicção da Esperança; Esperança de ordem mítica e mesmo mística que consuma o advento do Reino dos Céus sobre a Terra, através da História. Por isso, Sartre nunca deixou de ser um intelectual apaixonado, assumindo a sua vocação com extraordinária intensidade: toda a realidade pode ser pensada; a descoberta da fenomenologia foi para ele a divina surpresa que lhe possibilitou a transcrição do concreto sob a forma de ideias; o seu compromisso maior foi o da recusa de todos os dogmatismos, embora apoiado no sentir de uma sociedade que perdeu todas as referências da Transcendência.

Caucionando com o seu nome, e até com a sua presença, as causas mais diversas, entregou-se generosamente à contestação de uma sociedade desumanizada, na busca de novos «caminhos de liberdade», nunca renunciando à possibilidade, que era uma esperança, da converção de todos os homens no seu conjunto, tendo percebido que, se a justiça passava pela revolução, também a revolução fundava a injustiça. O seu compromisso foi o protótipo do compromisso de toda uma geração de intelectuais. O facto de a sua trajetória ter ficado inacabada, em quase todas as suas direcções, confere-lhe uma abertura e uma força de apelo que nos tornou, de algum modo, susceptíveis de participação no seu pensamento, para o continuar, ou para o contradizer. Porque a verdade não nasceu primeiro, mas faz-se e devém, Sartre nunca aderiu ao definitivo; por isso, os seus compromissos são autênticos casos de razão, sempre revisíveis; a sua filosofia, marcada pelo espírito de seriedade, mas atormentada pela tragédia metafísica, é uma atitude que, radicada na ambivalência ontológica, sempre busca a superação; todavia, no conjunto do seu desenvolvimento, não há rupturas na con-

tinuidade; a evolução total do desenvolvimento filosófico de Sartre reveste-se de uma estrutura dialéctica onde, por vezes, as posições são profundamente modificadas. Por isso, Sartre tem de ser visto no seu conjunto evolutivo. A publicação dos escritos póstumos e, em especial, o conhecimento do seu pensamento no domínio da moral dialéctica, através de alguns textos inéditos no domínio da dialéctica, mas sobretudo no campo da moral, sugeriu-nos a necessidade de uma releitura, de uma «*re-visão*» e até de uma *reinterpretação* da obra de Sartre, onde assistimos a uma compreensão removida da questão do sentido e do valor.

Tendo iniciado a nossa reflexão pela problemática psicológica da *Consciência* e pela sua dimensão ontológica inerente, porque a realidade humana, enquanto consciente, se situa na História pela *práxis*, atendemos, de imediato, a um segundo ponto: a *Dialéctica*; mas, porque a inspiração fundamental e o dinamismo característico da obra de Sartre são indissociáveis da preocupação moral, alargámos o nosso estudo a uma terceira questão: a *Ética*. No presente trabalho, centrado, assim, em três vectores nucleares do pensamento sartriano (*Consciência, Dialéctica, Ética*), procuramos apreender, a uma nova luz, a génese evolutiva e a coerência interna da filosofia de Sartre, prestando especial atenção a *L'Être et le Néant*, à *Critique de la Raison Dialectique* e aos *Cahiers pour une morale*; partindo da ontologia fenomenológica de Sartre e salientando as implicações de índole psicológica no seu itinerário filosófico, a nossa reflexão em torno da dialéctica é feita no pressuposto da precedência cronológica dos *Cahiers* em relação à *Critique*; a ética é abordada, todavia, na terceira parte do trabalho por duas razões: em primeiro lugar, porque nela quisemos integrar os elementos dos escritos póstumos e, em segundo lugar, porque, se todo o pensamento filosófico de Sartre é um pensamento ético, procuramos, na última etapa da nossa análise, dar uma visão de totalidade daquele pensamento. Pretendemos, contudo, apresentar a génese das principais ideias da filosofia de Sartre, defendendo a tese de que o conteúdo dos *Cahiers pour une morale* e, sobretudo, das *Notas da Conferência de Roma de 1964* e das *Conferências da Universidade de Cornell* implicam uma profunda «*re-visão*» da obra sartriana; isto é, os escritos sobre a moral, que Sartre até ao fim da sua vida deixou inéditos, sobretudo os escritos da última fase, rompem com a ambiguidade da moral, apontam decisivamente para o normativo, admitem a realidade de uma condição humana já vislumbrada em *L'Existentialisme est un Humanisme*, numa tentativa final de superação do absurdo da

existência pela possibilidade de abertura à Esperança. Mas o ateísmo mantém-se; daí a exigência da dialéctica para a recusa da contradição neste itinerário para a Esperança a percorrer pela existência humana; por isso, os escritos póstumos inserem-se na problemática fundamental da pesquisa filosófica de Sartre, voltada para o *questionamento do ser do homem em todas as suas manifestações*, constituindo a última etapa de uma teoria unitária dialecticamente construída sobre a questão ética que é a charneira da filosofia de Sartre, ao cruzar nela a coexistência com o sentido. A recente publicação do inédito de Sartre *Vérité et existence* (escrito em 1948, ainda em simultâneo com as notas que integram os *Cahiers*, ou logo a seguir) veio esclarecer a questão da relação entre o fazer e o ser: toda a acção prática implica uma relação com a Verdade, Verdade que é, simultaneamente, desvelamento do ser e dom ao outro, na medida em que não pode permanecer como propriedade exclusiva do «absoluto-sujeito»; em *Vérité et existence*, mantém-se a preocupação de Sartre em torno da construção de uma moral; a conversão à autenticidade da liberdade é um processo de constituição da Verdade. A questão da Verdade surge, assim, para Sartre, enquadrada no itinerário da procura de uma moral; o desvelamento do Ser processa-se pela historialização; o domínio da moralidade é «a História para o Ser».

O existencialismo é um grito de inconformismo, por vezes iconoclasta, perante modelos destruidores do homem na sua individualidade concreta; as perspectivas ontológicas existencialistas implicam necessariamente o seu correlato no domínio ético. Para o existencialismo em geral, e para o existencialismo sartriano em particular, têm enorme peso os acontecimentos históricos e as determinações ideológicas e sócio-políticas e, em geral, todos os elementos que inscrevem o contexto humano de uma época. Mas a ontologia ocupa aí um lugar central: o sentido e a análise do ser, em especial do ser humano, constituem a sua preocupação constante; a ética de Sartre arranca de pressupostos ontológicos; dirigindo a sua atenção para as estruturas e possíveis determinações da existência humana (como totalidade destotalizada), com notável poder analítico e finura de percepção, traduzidos numa linguagem notavelmente característica, Sartre estabelece uma filosofia da acção e do compromisso procurando levar às últimas consequências uma posição coerentemente ateia.